



MARÇO
2026

COP30
BRASIL
AMAZÔNIA
BELÉM 2025

PLATAFORMA DE AÇÃO COLABORATIVA

ORGANIZAÇÃO FUNDADORA:

BMW Foundation
Herbert Quandt

PARCEIRO IMPLEMENTADOR:



PARCEIRO DE CONHECIMENTO:



FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca Walther Moreira Salles
Fundação Dom Cabral

S761p Plataforma de ação colaborativa. [relatório de pesquisa] / Heiko Hosomi Spitzneck ... [et al].
-- Nova Lima, MG: Fundação Dom Cabral, Núcleo de Sustentabilidade 2026.
23 p.: il. color.
[Documento Eletrônico]

Outros autores: Adriano Augusto França Pimenta, Angela Gabriela Marques Justino, Gabriela Donaduss Garcia, Juan Pedro Eggs, Karen Vitória dos Reis Matos, Wallace Vinicius Reis da Silva.

ISBN 978-85-68143-52-0

1. Ecossistemas. 2. Política Pública. 3. Urbanização. 4. Mudanças Climáticas.
I. Spitzneck, Heiko Hosomi. II. Pimenta, Adriano Augusto França. III. Justino, Angela Gabriela Marques. IV. Garcia, Gabriela Donaduss. V. Eggs, Juan Pedro. VI. Matos, Karen Vitória dos Reis. VII. Silva, Wallace Vinicius Reis da. VIII. Fundação Dom Cabral - Nova Lima. IX. Coleção das Produções FDC. X. Título.

CDU:339.97

Bibliotecária: Luana Melo Viana – CRB 6/00336

SUMÁRIO

FUTURO DA VIDA URBANA	02
DESAFIOS DA VIDA URBANA	04
PLATAFORMA DE AÇÃO COLABORATIVA	05
PROTAGONISMO LOCAL	07
FINANCIAMENTO INOVADOR	10
ADVOCACY E POLÍTICAS PÚBLICAS	13
COMUNICAÇÃO E CONHECIMENTO	16
ORQUESTRANDO O ECOSSISTEMA	18
FUTURO DA VIDA URBANA	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23



Fonte: ESTADÃO, 2022.

FUTURO DA VIDA URBANA

Enfrentando as Tensões

O que está em jogo?

A urbanização acelera enquanto a crise climática se intensifica, colocando em jogo o futuro das cidades. Sem adaptação rápida e justa, metrópoles inteiras enfrentarão perdas humanas, econômicas e ecológicas crescentes. O futuro urbano será definido pela nossa capacidade de planejar por risco, integrar natureza à infraestrutura e coordenar muitos atores em uma mesma direção. Essa tendência é comprovada pelo Relatório Mundial das Cidades 2022 do ONU-Habitat, que indica que mais da metade da população mundial já vive em cidades. Além disso, o relatório também mostra que essa proporção deve se intensificar nas próximas décadas, com a estimativa de que 68% da população global será urbana até 2050, um acréscimo de 2,2 bilhões de pessoas¹. Essa expansão pressiona recursos naturais e amplia vulnerabilidades, como já demonstrado por cidades como Teerã, no Irã, que cogitam realocação por falta de água, um alerta sobre os limites ecológicos da vida urbana.

Pressões no Brasil

No Brasil, a urbanização é ainda mais intensa, pois segundo o Censo 2022 do IBGE, 87,4% dos brasileiros, ou cerca de 177,5 milhões de pessoas, vivem em áreas urbanas ².

Com a maioria da população concentrada nessas áreas, grande parte dos municípios ainda carece de infraestrutura para lidar com enchentes, ondas de calor e escassez hídrica. Essa concentração amplia os riscos climáticos e socioambientais, o que, por sua vez, aumenta desigualdades e expõe territórios periféricos a riscos maiores. O *Urban Adaptation Index* (UAI), estudo realizado pela USP no Brasil, corrobora essa situação, mostrando que 54,1% dos municípios têm baixa capacidade de adaptação às mudanças climáticas, o que reforça o chamado urgente por soluções que combinem inovação, planejamento e justiça social³.



Fonte: [Movimento Atingidos por Barragens](#), 2022.

Da visão à coordenação

As pressões crescentes da urbanização e das mudanças climáticas exigem uma cooperação mais forte entre diferentes setores. Nesse contexto, a BMW Foundation Herbert Quandt lançou a Plataforma de Ação Colaborativa no Brasil em 2024, como resposta aos desafios urbanos cada vez maiores — desde a urbanização acelerada e a infraestrutura inadequada até a desigualdade social profundamente enraizada.

Por meio de abordagens integradas, como um melhor planejamento urbano, infraestrutura resiliente e estratégias baseadas na natureza, a CAP ajuda as cidades a se adaptarem às mudanças climáticas e a gerar benefícios concretos para suas comunidades.

A Plataforma teve origem em dois *workshops* realizados no Rio de Janeiro e em São Paulo, que reuniram mais de 40 organizações, incluindo empresas, instituições públicas, centros de pesquisa, entidades filantrópicas e movimentos sociais. Desde o início, esses encontros demonstraram o espírito colaborativo e inclusivo que orienta a iniciativa.

Ambição

Promover um futuro sustentável da vida urbana por meio de Soluções Baseadas na Natureza (SBN*), visando a adaptação climática justa e equitativa.

Mais do que um projeto, a Plataforma de Ação Colaborativa atua como orquestradora de um ecossistema sobre o Futuro da Vida Urbana, conectando pessoas, organizações e empresas que compartilham um mesmo compromisso: garantir o futuro da vida urbana em um planeta em transformação. Este relatório é voltado a líderes públicos e privados, empreendedores

sociais, pesquisadores e cidadãos que acreditam que o enfrentamento das mudanças climáticas e a adaptação das cidades dependem de ação conjunta, inovação e propósito. Ao longo das próximas páginas, serão apresentadas as principais reflexões, resultados e aprendizados do primeiro ano de atuação da Plataforma, um percurso que mostra como a colaboração pode se traduzir em impacto real. No próximo capítulo, mergulharemos nos desafios centrais da vida urbana, para, em seguida, compreender como a Plataforma vem respondendo a esses desafios por meio de soluções concretas, redes colaborativas e novas formas de liderança compartilhada.



Fonte: Arte do Circuito Urbano 2022, promovido pela ONU Habitat Brasil | Camila Nogueira/[ONU-Habitat Brasil](#).

* Soluções Baseadas na Natureza (SBN) são ações que utilizam processos e ecossistemas naturais para enfrentar desafios urgentes, como o risco de escassez de água e os impactos de eventos climáticos extremos, promovendo benefícios à biodiversidade, ao desenvolvimento socioeconômico e ao bem-estar humano.



DESAFIOS DA VIDA URBANA

As cidades concentram oportunidades, cultura e desenvolvimento, mas também as maiores vulnerabilidades sociais e climáticas do século XXI. O modo como planejamos e administramos os centros urbanos definirá o futuro do planeta e o bem-estar de bilhões de pessoas. Três desafios estruturais exigem atenção imediata.

1. As pessoas que mais sofrem são as que vivem onde a cidade menos planejou

16,4 milhões de brasileiros ou 8,1% da população brasileira vivem em favelas e comunidades urbanas (IBGE, 2022)⁴, muitas vezes em encostas ou margens de rios, que são as áreas mais vulneráveis a enchentes, deslizamentos e calor extremo. Nessas regiões, mofo, infiltrações e falta de saneamento comprometem a saúde e ampliam desigualdades. As mudanças climáticas agravam o quadro, atingindo de forma desproporcional quem tem menos infraestrutura e menos voz nas decisões urbanas.

2. Falta planejamento e as cidades têm orçamentos limitados para adaptação e resiliência climática

Menos de 13% dos municípios brasileiros apresentam uma boa capacidade institucional e contam com um número razoável de instrumentos legais para tentarem se adaptar aos impactos das mudanças climáticas.

E somente um em cada três municípios brasileiros (36,9%) possui planos municipais de habitação, o que sugere que os esforços para abordar as áreas de vulnerabilidade e risco no setor habitacional ainda precisam ser aprimorados⁵.

3. A falta de ação preventiva amplia riscos e custos

A enchente de 2024 no Rio Grande do Sul, a pior da história do país, afetou 478 municípios, desalojou 580 mil pessoas e gerou perdas de R\$ 88,9 bilhões.⁶ O caso mostra o custo humano e econômico da inação, e a urgência de investir em cidades resilientes antes da próxima crise.

Compreender esses desafios é o primeiro passo para agir. Eles mostram que a construção de cidades mais justas, resilientes e preparadas para o futuro depende de colaboração, inovação e propósito compartilhado. É nesse ponto que surge a Plataforma de Ação Colaborativa, transforma reflexão em movimento. A Plataforma busca enfrentar de forma prática e integrada os dilemas urbanos e climáticos do século XXI, promovendo soluções baseadas na natureza e adaptação climática justa. Nos próximos capítulos, veremos como essa rede vem colocando essas ideias em prática e construindo, passo a passo, o Futuro da Vida Urbana.

PLATAFORMA DE AÇÃO COLABORATIVA

Transformando Reflexões em Movimento

Para enfrentar os desafios apresentados no capítulo anterior, a Plataforma de Ação Colaborativa iniciou sua jornada com um encontro chamado de Challenge Hub. O encontro reuniu líderes de governo, empresas, academia, filantropia e sociedade civil para imaginar, juntos, o futuro da vida urbana sustentável no Brasil. Durante o evento, os participantes refletiram sobre como construir cidades inclusivas, regenerativas e centradas nas pessoas, capazes de integrar natureza, inovação e justiça social. As discussões revelaram quatro frentes prioritárias de ação, complementares e interdependentes, que traduzem o propósito da Plataforma em objetivos concretos.

A primeira frente reconhece que a mudança real começa nos territórios. O **Protagonismo Local** é o motor da transformação: quanto mais preparados e conectados estiverem os líderes comunitários, maior será sua capacidade de impulsionar soluções sustentáveis. Mas protagonismo sem recursos não se sustenta. Por isso, a frente de **Financiamento Inovador** busca superar barreiras do financiamento tradicional e criar novos mecanismos que tornem viáveis as soluções locais e as Soluções Baseadas na Natureza (SBN), conectando investidores, fundações e bancos de desenvolvimento com as organizações comunitárias, para que o investimento climático se transforme em alavanca de impacto urbano.

Com líderes fortalecidos e novos fluxos de financiamento, o próximo passo é influenciar o sistema. A frente de **Advocacy e Políticas Públicas** visa posicionar as SBN como eixo estruturante das políticas urbanas e climáticas, articulando diferentes setores em torno de uma agenda comum de transição justa. Por fim, nenhuma transformação se consolida sem comunicação e aprendizado compartilhado. A frente de **Comunicação e Conhecimento** tem como foco traduzir experiências em conhecimento acessível e inspirador, dando visibilidade às boas práticas que fortalecem o ecossistema e inspiram novas iniciativas.



Fonte: Relatório CAP EVOLUTION, 2025.

Para transformar todas essas frentes em ação, a Plataforma estruturou três mecanismos interligados de implementação:

- **Grupos Colaborativos:** vinculados às quatro frentes prioritárias, esses grupos funcionam como espaços temáticos de cocriação e diálogo, para transformar ideias em planos e ações.
- **Soluções Apoiadas:** iniciativas existentes que receberam apoio técnico, institucional e financeiro da Plataforma. Foram escolhidas três soluções com alto potencial de impacto e aprendizado coletivo: o Observatório das Baixadas, o Programa Solução Natureza da Fundação Grupo Boticário e o RegeneraRS, que representam diferentes dimensões da transformação urbana e climática. O Observatório traz a produção de conhecimento cidadão e o fortalecimento do protagonismo comunitário; a Fundação Grupo Boticário traz à Plataforma o conceito e a prática das Soluções Baseadas na Natureza (SBN); e o RegeneraRS agrega com à reconstrução e regeneração de territórios resilientes.
- **Intervenções Estratégicas:** ações de mentoria, capacitação e articulação internacional que fortalecem as soluções e ampliam o alcance do ecossistema colaborativo.

O diagrama ao lado sintetiza a estrutura da Plataforma de Ação Colaborativa, mostrando como o ecossistema se conecta em torno de quatro frentes prioritárias que ganham forma por meio dos mecanismos de implementação, que transformam ideias em ações e projetos colaborativos de impacto real. Mais do que um programa, a Plataforma atua como uma orquestradora de ecossistemas, conectando saberes, recursos e pessoas em uma mesma direção: construir o Futuro da Vida Urbana com base na colaboração, na adaptação climática e nas Soluções Baseadas na Natureza.



Nos próximos capítulos, aprofundaremos cada frente e mostraremos como esses mecanismos operam na prática.

PROTAGONISMO LOCAL

Dentro da Plataforma de Ação Colaborativa, o protagonismo local tornou-se mais que um eixo de trabalho: virou um movimento de fortalecimento das vozes que vivem e inovam nos territórios mais vulneráveis. A lógica é simples, mas transformadora: quanto mais preparados e conectados forem os líderes locais, maior será sua capacidade de influenciar políticas públicas e redesenhar o futuro das cidades. Inspirado por essa visão, o Grupo de Trabalho de Protagonismo Local, liderado por Mariana de Paula (Instituto Decodifica) e com apoio do Observatório das Baixadas, concentrou esforços em formar, apoiar e dar visibilidade a lideranças comunitárias na linha de frente da adaptação climática, transformando o conceito de justiça climática em ação concreta.

Entre suas entregas mais emblemáticas estão o apoio financeiro às ações nas Yellow Zones da COP30, iniciativa que descentraliza os debates climáticos e leva as vozes das periferias de Belém (PA) para o centro das discussões internacionais. O grupo também apoiou o encontro “De Olho no Clima”, realizado na Ilha de Caratateua pelo Observatório das Baixadas, em parceria com o UNICEF, reunindo jovens e adolescentes das baixadas amazônicas para discutir empregos verdes e o uso de inteligência artificial em soluções locais.

Além disso, viabilizou a participação de lideranças femininas (uma mulher negra da Rede Perifa Connection e uma mulher indígena da Amazônia) na COP30, reforçando o compromisso da Plataforma com diversidade, equidade e representatividade. Todas essas experiências estão sendo documentadas em uma produção audiovisual, que será publicada em breve, garantindo que o protagonismo local seja visível e inspirador.

Essa visão, de que a adaptação climática só é justa quando construída com quem sente seus impactos, espalhou-se e se aprofundou pela rede da Plataforma. Um exemplo de sinergia foi a colaboração entre o Observatório e a Fundação Grupo Boticário. O Observatório compartilhou sua experiência em comunicação comunitária e ciência cidadã, o que permitiu à Fundação potencializar a aplicação da justiça climática em suas práticas de Soluções Baseadas na Natureza (SBN).

Esse tipo de colaboração resume o que a Plataforma faz de melhor: criar conexões que mudam a forma de pensar e agir. O protagonismo local passou a ser reconhecido como um motor de inovação e impacto, capaz de inspirar políticas e projetos.

A Plataforma também ampliou o alcance dessas lideranças com oportunidades de formação e visibilidade, como o Leaders Collaboration Forum, na Alemanha, que reuniu representantes das três soluções apoiadas (Observatório das Baixadas, Fundação Grupo Boticário e RegeneraRS), e o treinamento de pitch promovido por consultoria especializada. Essas experiências mostraram que o protagonismo local se fortalece quando vozes do território dialogam com redes globais, ampliando sua influência e capacidade de inspirar transformações.

A seguir, apresentamos a solução apoiada pela Plataforma que melhor traduz esse conceito na prática: o Observatório das Baixadas, que vem transformando dados e saberes comunitários em novas referências para adaptação climática e justiça urbana no Brasil.



O Observatório das Baixadas nasceu na Amazônia com um propósito ousado: transformar dados, experiências e vozes comunitárias em poder de influência. Atuando nas baixadas litorâneas do Pará, uma das regiões mais vulneráveis às mudanças climáticas no Brasil, o Observatório conecta ciência, território e participação social, tornando-se referência em justiça climática, adaptação e resiliência urbana.

Entre suas principais inovações está o **Atlas das Baixadas**, uma plataforma digital aberta que mapeia vulnerabilidades socioambientais e riscos climáticos em diferentes territórios do país (<https://atlasobxmobile.netlify.app/>). A ferramenta mostra áreas críticas, como comunidades vulneráveis e riscos hidrológicos para apoiar a adaptação climática de gestores e cidadãos. Além disso, a organização também está desenvolvendo a plataforma "De Olho no Clima", uma ferramenta focada em educação ambiental em territórios periféricos, para capacitar comunidades a interpretar dados climáticos e monitorar riscos. Juntas, essas iniciativas democratizam a informação, conectam ciência e território, e fortalecem a resiliência comunitária.

Segundo Andrew Leal: "Nossa abordagem é que a adaptação climática só é eficaz se ela for construída com e pelas pessoas que vivem o risco diariamente. A participação cidadã, por meio de ferramentas não é só sobre coletar dados, mas sim sobre fortalecer a autonomia comunitária para que as soluções de adaptação sejam as mais viáveis e adequadas ao seu território, integrando nosso conhecimento técnico às soluções ancestrais que já funcionam localmente."

Com o apoio da Plataforma de Ação Colaborativa, o Observatório das Baixadas alcançou um salto significativo em escala e maturidade institucional. O suporte técnico foi fundamental para refinar metodologias participativas no Atlas, estruturando agendas de escuta e coleta de dados com as comunidades locais.

Já o apoio financeiro viabilizou a expansão da equipe e a ampliação das oficinas presenciais para novas regiões a partir de 2026, com eventos previstos nos territórios de Cametá (PA), São Luís (MA) e Maceió (AL).

O envolvimento da Plataforma também impulsionou o Observatório para arenas globais. A organização passou a participar de eventos internacionais estratégicos, como a SB62 em Bonn (Alemanha), ampliando sua rede de aprendizado e fortalecendo conexões com outras soluções do ecossistema de adaptação climática. Além disso, o Observatório participou ativamente da COP29, no Azerbaijão, e possui uma agenda robusta para a COP30, em Belém, incluindo o apoio à organização da COP das Baixadas. Outro avanço importante foi o fortalecimento de parcerias estratégicas, resultado direto da interligação promovida pela Plataforma, consolidando vínculos com instituições e fundos nacionais e internacionais, como o Fundo Agbara para Mulheres Negras e o Instituto KondZilla, o que ampliou sua visibilidade, credibilidade e capacidade de captação.

Dessa forma, o apoio da Plataforma de Ação Colaborativa não apenas fortaleceu o Observatório das Baixadas, mas o projetou como uma voz legítima da Amazônia e das periferias brasileiras nos debates globais sobre adaptação e justiça climática. O Observatório tornou-se, assim, um símbolo do que a Plataforma busca promover: lideranças locais capazes de influenciar agendas nacionais e internacionais, conectando dados, cultura e comunidade para transformar o futuro das cidades.



Fonte: [instagram.com/observatoriodasbaixadas/](https://www.instagram.com/observatoriodasbaixadas/).

FINANCIAMENTO INOVADOR

Nenhuma transformação acontece sem recursos, e o acesso ao financiamento ainda é um dos maiores gargalos para quem atua com adaptação climática em territórios vulneráveis. Inspirado por esse desafio, o Grupo Colaborativo de Financiamento Inovador nasceu com a missão de aproximar o capital de quem faz a mudança acontecer. Liderado por Greta Salvi (União Europeia no Brasil), o grupo reuniu especialistas, investidores e organizações comunitárias para investigar uma questão central: por que os recursos não chegam a quem mais precisa? As primeiras conversas revelaram barreiras estruturais: da burocracia excessiva e da distância entre financiadores e realidades locais à ausência de instrumentos financeiros adequados às organizações de base.

Foi nesse contexto que Gaio Jorge, fundador do Coletivo Criação e delegado do Bioma Mata Atlântica na COP30, trouxe uma nova perspectiva para o grupo: a de quem vive e conhece, na prática, os desafios das periferias urbanas. Sua contribuição deu origem a uma virada de chave. A ideia de que era preciso olhar para os territórios periféricos como protagonistas da adaptação climática, e não apenas como beneficiários, começou a ganhar corpo e se consolidou durante o processo de pesquisa que ele coordenou. Ao longo das entrevistas e análises, ficou evidente que as limitações de acesso ao financiamento não eram apenas técnicas, mas estruturais: refletiam desigualdades históricas que impedem

comunidades negras, indígenas e periféricas de acessar os mesmos recursos e oportunidades que outros territórios.

Dessa escuta nasceu o relatório “Adaptação e Periferias: Estratégias para um Financiamento Justo” o documento, que será lançado durante a COP30. O documento reflete o olhar de uma pesquisa conduzida a partir da periferia, com sensibilidade, vivência e escuta atenta das realidades locais, e reúne recomendações práticas para organizações comunitárias, investidores e formuladores de políticas públicas. Entre as principais orientações estão:

- Como identificar **fontes de financiamento**, estruturar projetos, formalizar parcerias e **fortalecer a governança financeira** das iniciativas;
- Como aproximar **investidores comprometidos com impacto socioambiental** das iniciativas de base territorial;
- Apresentação de boas práticas e **mecanismos inovadores**, como microcrédito climático e *blended finance*, com o objetivo de inspirar novas soluções voltadas a contextos urbanos periféricos.

Como destacou Gaio Jorge, “é fundamental influenciar e mobilizar investidores para que olhem para as Soluções Baseadas na Natureza em contextos urbanos periféricos, entendendo suas especificidades e ampliando o alcance dos recursos a quem mais precisa.”

O estudo contou com a colaboração de iniciativas que representam diferentes dimensões dessa ação climática no Brasil: a Horta Maria Angu, que ilustra a força das soluções comunitárias e da agricultura urbana como resposta concreta à crise ambiental; o Eixo de Justiça Climática do Greenpeace Brasil, que trouxe reflexões sobre a necessidade de incorporar equidade racial e territorial nos fluxos de financiamento; e o RegeneraRS, que compartilhou aprendizados sobre a gestão de fundos filantrópicos e o desafio de conciliar escala, agilidade e impacto social na reconstrução de territórios afetados por desastres. Essas colaborações reforçam a essência intersetorial do documento e o compromisso da Plataforma de Ação Colaborativa em conectar experiências de base com estruturas institucionais de investimento.

Mais do que um relatório técnico, “Adaptação e Periferias” é uma defesa: a de que o território deve ser ouvido e reconhecido, como centro das decisões sobre o futuro climático. Ele propõe caminhos para democratizar o acesso a recursos, reduzir a burocracia e aproximar financiadores das realidades locais, inspirando novas formas de investimento climático com justiça e inclusão.

A Teia de Soluções: quando a colaboração acelera o impacto

O espírito do Financiamento Inovador da Plataforma também se materializou em uma outra iniciativa dentro do ecossistema: a Teia de Soluções – Resiliência Climática RS. Embora já estivesse em discussão antes da criação da Plataforma, foi dentro dela que a parceria entre a Fundação Grupo Boticário e o RegeneraRS ganhou tração, alinhamento estratégico e velocidade. A chamada, que também contou com o Banco Regional de Desenvolvimento do

Extremo Sul (BRDE) e a FAPERGS, destinou R\$ 18 milhões para financiar projetos baseados na natureza voltados à recuperação e adaptação de municípios costeiros e áreas afetadas pelas enchentes no Rio Grande do Sul.

Estruturada em 2 eixos complementares: Adaptação em Ação, com foco em infraestrutura, restauração de ecossistemas e prevenção de desastres; e Ciência para a Adaptação, dedicada à pesquisa aplicada e gestão integrada de recursos hídricos; a Teia de Soluções registrou um n° alto de inscrições e de volume de recursos mobilizados, mostrando o potencial das SBN como catalisadoras de reconstrução e resiliência. Assim, a colaboração entre Fundação Grupo Boticário e RegeneraRS se tornou um modelo exemplar de governança colaborativa, no qual a Fundação Grupo Boticário atuou como âncora técnica e o RegeneraRS como ponte territorial.



O RegeneraRS surgiu durante as enchentes de 2024, quando a família Gerdau Johannpeter, sensibilizada pela devastação no estado, percebeu que respostas emergenciais não seriam suficientes: era necessário pensar na reconstrução do Rio Grande do Sul de forma estruturada, buscando aliar a captação de recursos a uma visão de futuro para o estado. Com esse propósito, o Instituto Helda Gerdau - associação sem fins lucrativos criada pela família para potencializar ações de impacto social positivo - uniu-se à Din4mo para desenvolver um modelo inovador de orquestração de recursos. Logo, empresas como Gerdau e Vale tornaram-se parceiras do projeto. Ao longo do primeiro ano, somaram-se à iniciativa a Família Baumgart, o Grupo Fleury e Grupo +Unidos (Alcoa, Qualcomm, Microsoft e Sylvamo).

Essa articulação evidencia que a reconstrução do RS passa por uma atuação multissetorial, reunindo diferentes forças da sociedade em um esforço coletivo pela regeneração. O diferencial do RegeneraRS está em combinar foco em impacto com geração de aprendizados para o futuro. Mais do que financiar projetos, busca catalisar recursos, impulsionar soluções e criar uma rede capaz de aprender com as crises e dar saltos estratégicos rumo a soluções mais avançadas, superando defasagens históricas e acelerando a regeneração do estado. O RegeneraRS trabalha com o conceito de leapfrogging: mais do que reconstruir o que foi perdido, buscamos apoiar soluções que permitam ao Rio Grande do Sul avançar no processo de regeneração, com mais eficiência, inovação e menor impacto ambiental.

O apoio da Plataforma de Ação Colaborativa concentrou-se na melhoria de processos de gestão e comunicação do fundo. O primeiro passo foi o trabalho de mentoria conduzido pelo Sense-Lab, que apoiou a área de **Impacto, Aprendizagem e Comunicação** do RegeneraRS na estruturação das suas teses de impacto, ajudando a tornar mais clara a forma de comunicar resultados e aprendizados. Em seguida, foi contratado um especialista em monitoramento e avaliação, com apoio da Plataforma, para aprimorar os indicadores de desempenho, sistematizar informações e fortalecer a comunicação dos resultados.

Para Manuela Fonseca, Coordenadora de Impacto, Aprendizagem e Comunicação do RegeneraRS “a plataforma nos ajudou muito nessa parte de conseguir comunicar os nossos resultados, e de monitorar e avaliar os projetos existentes... algo que vai continuar e perdurar para além do relatório ”

Esse trabalho resultou em uma melhor governança dos projetos financiados e serviu

como base para a elaboração do Relatório Anual do RegeneraRS, cuja diagramação também contou com apoio financeiro da Plataforma. O relatório consolidou os principais avanços do fundo e tornou-se uma ferramenta de transparência e mobilização de parceiros. Além disso, o fundo foi integrado à rede de soluções apoiadas pela Plataforma, participando de intercâmbios e espaços de visibilidade como o Leaders Collaboration Forum, na Alemanha, experiência destacada pelo próprio RegeneraRS como uma das mais inspiradoras de sua trajetória na Plataforma.

O RegeneraRS também vem avançando na construção da CoalizãoRS, uma iniciativa que busca ampliar a articulação intersetorial para a reconstrução resiliente do estado. Nesse processo, o Sense-Lab continua oferecendo apoio metodológico à estruturação da área de projetos, apoiando no mapeamento de processos e construção de ferramentas. A partir desse percurso, o RegeneraRS consolidou-se como um exemplo de inovação em governança climática, mostrando que reconstruir também é transformar. Ao apoiar o amadurecimento institucional do fundo e facilitar conexões com novos parceiros e redes globais, a Plataforma de Ação Colaborativa reforça seu papel como espaço de articulação e fortalecimento de soluções existentes, impulsionando um modelo de reconstrução justa e resiliente, capaz de inspirar o futuro da vida urbana no Brasil.

Fundo Catalítico

Destinamos recursos à **educação**, **habitação**, **negócios e soluções urbanas**, priorizando projetos inovadores e estruturantes, com potencial de escala e de atrair cofinanciamento.



ADVOCACY E POLÍTICAS PÚBLICAS

Vimos como o financiamento inovador pode acelerar soluções baseadas na natureza. Agora imagine se o próprio governo reconhecesse oficialmente essas soluções como parte essencial da infraestrutura das cidades, estabelecendo metas, diretrizes e orçamento específico para sua implementação. É justamente essa a ambição do Grupo de Trabalho de *Advocacy* e Políticas Públicas, que atua para transformar a agenda da Plataforma de Ação Colaborativa em políticas duradouras e marcos legais.

Liderado por Laura Astrolabio, advogada e mestre em políticas públicas em direitos humanos, especialista em *advocacy* em políticas públicas e co-fundadora d'A Tenda das Candidatas Instituto, e com suporte técnico de Luciana Nery, especialista em SBN, o grupo reúne especialistas e inclusive representantes do próprio Ministério do Meio Ambiente, com o propósito de consolidar um conceito brasileiro de Soluções Baseadas na Natureza (SBN). A principal entrega desse trabalho foi a elaboração de uma Nota Técnica, documento que propõe diretrizes e fundamentos jurídicos para inserir oficialmente as SBN nas políticas públicas de adaptação climática do país. Uma nota técnica é, na prática, uma ponte entre a ciência e a política: oferece evidências, interpretações jurídicas e caminhos concretos para que governos transformem ideias em instrumentos de Estado.

No caso das SBN, essa formalização cria uma base legal sólida para que gestores municipais, estaduais e federais possam incluir essas soluções em planos de adaptação climática, orçamento público e programas habitacionais e ambientais.

O grupo parte de uma constatação: embora o conceito internacional de SBN seja amplamente aceito pela ONU, ele precisa refletir a realidade brasileira: com seus biomas, desigualdades e saberes tradicionais. Como sintetiza a nota:

“Adotar e institucionalizar um conceito brasileiro de Soluções Baseadas na Natureza é uma escolha civilizatória. É reconhecer a natureza como aliada — e não como obstáculo — na construção de um futuro mais justo, resiliente e sustentável.”

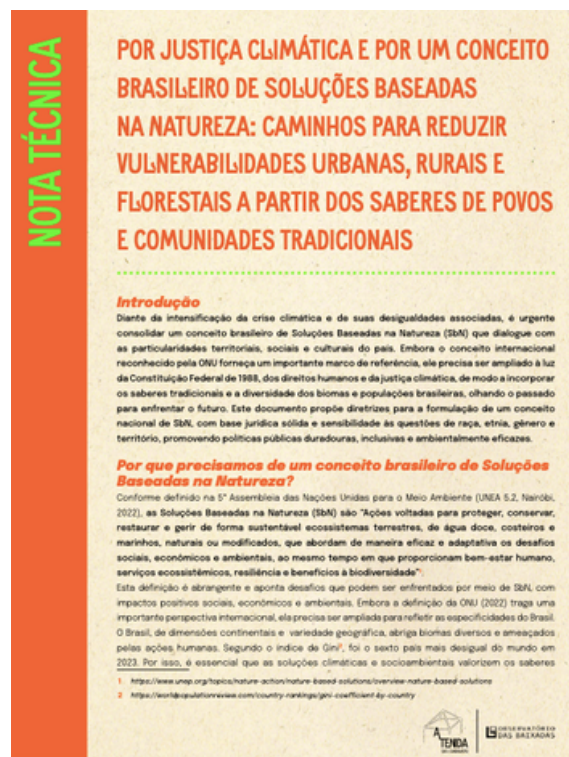
Segundo Laura Astrolabio, “é necessário traduzir o conceito de SBN para valorizar saberes tradicionais brasileiros, assim como a importância de conscientização social e política a respeito do tema.” Para ela, a discussão sobre SBN no Brasil não pode se limitar à adaptação de modelos importados, mas deve reconhecer a diversidade dos territórios e a contribuição histórica de povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais na conservação dos ecossistemas. Laura destaca ainda que a justiça climática passa pela democratização do conhecimento e pela inclusão desses

atores nos espaços de decisão, ampliando o entendimento de que as SBN são não apenas soluções técnicas, mas expressões culturais, sociais e políticas de uma relação equilibrada com a natureza. Nesse sentido, para garantir a inclusão das vozes indígenas, o grupo contou com o apoio de uma pesquisadora indigenista, responsável por entrevistar lideranças e incorporar suas perspectivas ao conteúdo final. O documento, apresentado ao Ministério do Meio Ambiente em novembro de 2025, destaca três recomendações centrais:

1. **Formalizar** um conceito brasileiro de **SBN** por meio de **Decreto Presidencial** e, posteriormente, uma Lei Ordinária, **garantindo segurança jurídica e continuidade institucional** da política nacional de adaptação climática.
2. **Incorporar justiça climática e diversidade territorial** como princípios estruturantes, reconhecendo os saberes ancestrais e comunitários (indígenas, quilombolas, ribeirinhos e urbanos) como pilares da inovação local, em alinhamento direto com o eixo de Protagonismo Local da Plataforma.
3. **Criar** mecanismos de **financiamento e governança participativa**, integrando SBN aos planos de habitação, saneamento e infraestrutura com metas vinculantes, orçamento climático e controle social, especialmente sensíveis a gênero e raça.

Essas recomendações consolidam as SBN não apenas como soluções ecológicas, mas como estratégias de justiça social, conectando natureza, economia e dignidade humana. O trabalho do grupo representa um passo decisivo para institucionalizar a agenda da Plataforma dentro das políticas de Estado: uma transição da experimentação à transformação estrutural.

A nota técnica reforça que as cidades do futuro serão sustentáveis apenas se forem legais, no sentido jurídico do termo: com marcos claros, responsabilidades definidas e participação social garantida.



Essa visão de que a natureza deve ocupar um papel central na infraestrutura urbana encontra forte ressonância na trajetória da Fundação Grupo Boticário, instituição que há mais de três décadas atua pela conservação da biodiversidade e pela promoção das Soluções Baseadas na Natureza no Brasil. A convergência entre a atuação histórica da Fundação e o propósito da Plataforma de Ação Colaborativa reforça uma mesma ambição: ampliar o alcance e a adoção das SBN como eixo estratégico para a adaptação climática e o futuro das cidades. No próximo capítulo, veremos como a Fundação Grupo Boticário tem traduzido esse compromisso em ações concretas, aliando ciência, tecnologia e engajamento social para impulsionar uma nova agenda de transformação urbana sustentável.



A Fundação Grupo Boticário é uma das principais instituições ambientais do Brasil, com mais de 35 anos dedicados à conservação da biodiversidade e à promoção de soluções sustentáveis. Entendendo que o meio ambiente saudável é a base para o bem-estar da sociedade e para uma economia forte, a organização atua hoje com adaptação às mudanças do clima, a segurança hídrica e a resiliência costeiro-marinha.

A Fundação Grupo Boticário vem se consolidando como uma das principais vozes sobre Soluções Baseadas na Natureza (SBN) no país, traduzindo ciência em políticas públicas, engajamento social e modelos replicáveis de adaptação climática. Por meio do Programa Solução Natureza, a Fundação Grupo Boticário atua em quatro eixos complementares para impulsionar a SBN: incubação de projetos, letramento e engajamento, articulação financeira e marcos legais. Essa abordagem integrada posiciona a instituição como uma ponte entre o conhecimento técnico e a ação pública,



Fonte: [Fundação Grupo Boticário](#).

aproximando empresas, governos e comunidades em torno de uma mesma visão: um futuro urbano mais resiliente, verde e inclusivo.

A participação da Fundação Grupo Boticário na Plataforma de Ação Colaborativa reforçou esse papel de articulação e aprendizagem mútua. Dentro do ecossistema da Plataforma, a organização assumiu um papel estratégico de letramento e engajamento pela causa das SBN. Além disso, a interação com outras soluções apoiadas também gerou aprendizados valiosos. A troca com o Observatório das Baixadas, por exemplo, potencializou o uso da ciência cidadã em suas iniciativas, reconhecendo o valor dos dados produzidos por comunidades locais como base para políticas e decisões de adaptação. Esse olhar mais territorial fortaleceu a conexão da Fundação Grupo Boticário com a agenda de justiça climática, aproximando o debate técnico da realidade de quem vive os impactos da crise ambiental

Como resume Rubiane Spina, da Fundação Grupo Boticário, “a experiência com a Plataforma foi transformadora, porque nos colocou do outro lado da mesa. Estamos acostumados a oferecer apoio e mentoria, mas, dessa vez, fomos os beneficiados. Isso nos permitiu enxergar de forma diferente nossos próprios desafios institucionais. Entramos sem saber exatamente o que era a Plataforma, apenas com a disposição de contribuir e dar visibilidade ao tema, mas acabamos encontrando um espaço de troca genuína. Foi um processo de escuta, reflexão e construção conjunta”.

COMUNICAÇÃO E CONHECIMENTO

Em uma rede colaborativa, o conhecimento é o que garante que a ação se torne legado. Esse foi o ponto de partida do Grupo de Trabalho de Comunicação e Conhecimento, criado com o propósito de consolidar e disseminar os aprendizados da Plataforma de Ação Colaborativa, transformando experiências, resultados e conexões em narrativas capazes de inspirar novos atores e fortalecer o ecossistema.

Liderado por Heiko Spitzeck, diretor do Núcleo de Sustentabilidade da Fundação Dom Cabral, o grupo partiu de uma convicção simples, mas essencial: “Sem a consolidação das aprendizagens e sua disseminação, nosso progresso em direção a uma vida urbana mais sustentável será limitado.”

A partir dessa visão, o Grupo Colaborativo foi responsável por sistematizar todo o percurso da Plataforma, reunindo entrevistas, relatórios e reflexões dos demais grupos de trabalho, e organizá-los neste relatório, que registra os principais aprendizados e resultados do primeiro ciclo. O documento, que será lançado em eventos pré-COP no Rio de Janeiro e em São Paulo e também apresentado na COP30, é uma das entregas mais estratégicas da frente de Comunicação e Conhecimento: um instrumento de memória, avaliação e inspiração para novas parcerias, políticas e ciclos de ação colaborativa.

Durante o processo, o grupo também mapeou colaborações espontâneas que surgiram da interação entre as soluções apoiadas e os Grupos Colaborativos, reforçando o valor da rede como espaço vivo de aprendizado. Exemplos como a parceria entre o Observatório das Baixadas e a Fundação Grupo Boticário, que integrou ciência cidadã e Soluções Baseadas na Natureza, ou a aproximação entre o RegeneraRS e novos parceiros financeiros, demonstram como a Plataforma gera valor além das ações planejadas, criando conexões reais e transformadoras entre diferentes territórios, saberes e atores.



Além disso, ao longo da trajetória da Plataforma, outras iniciativas complementares reforçaram o propósito da frente de Comunicação e Conhecimento, ampliando o alcance das mensagens e dos resultados gerados. Um exemplo emblemático é o vídeo documentário produzido pela BBC StoryWorks, que será apresentado a seguir. A produção mostra como as vozes locais estão ganhando espaço no debate global sobre adaptação climática e justiça urbana, reforçando o papel da Plataforma de Ação Colaborativa como um ecossistema vivo de conexões e aprendizados que inspiram mudanças reais.

TRANSFORMING CITIES - COLLABORATIVE ACTION PLATFORM BRAZIL



O vídeo, intitulado "*Transforming Cities - Collaborative Action Platform Brazil*" (<https://www.youtube.com/watch?v=mXNJVNQfbpk>), foi produzido pela BBC StoryWorks Commercial Productions para a BMW Foundation Herbert Quandt, como parte da segunda edição da série *Transforming Cities*, apresentada pela C40 Cities. Filmado em Belém, o documentário transcende a discussão técnica e traz o foco para o protagonismo local. A importância deste vídeo reside em sua capacidade de dar visibilidade global a uma iniciativa multi-stakeholder que conecta a inovação comunitária (Observatório), o capital (FGB e Regenera) e o engajamento estratégico (Plataforma BMW), provando que as soluções para a crise climática nascem, de fato, na base da pirâmide social.

ORQUESTRANDO O ECOSSISTEMA

Ingredientes para o Sucesso

A Plataforma de Ação Colaborativa cumpre o papel de orquestradora de um ecossistema multissetorial, articulando atores, iniciativas e recursos em torno de um propósito comum: fortalecer a adaptação climática com base em Soluções Baseadas na Natureza (SBN) e promover um novo modelo de vida urbana sustentável. Mais do que uma rede de projetos, a Plataforma funciona como um agente integrador, capaz de alinhar visões, criar pontes entre diferentes setores e transformar colaboração em resultados concretos.

Ao longo de sua trajetória, desenvolveu estruturas e instrumentos de orquestração que garantem coerência estratégica, diversidade de vozes e fluidez operacional, transformando a complexidade da rede em um sistema coordenado de aprendizagem e impacto.

Arquitetura do ecossistema: papéis e responsabilidades

A arquitetura da Plataforma foi desenhada para unir capacidades complementares. O Sense-Lab atua como apoio técnico e metodológico, responsável por estruturar processos, facilitar os diálogos e sistematizar aprendizados. As organizações parceiras são, ao mesmo tempo, beneficiárias e colaboradoras: recebem apoio técnico e financeiro, mas também aportam conhecimento, experiência e legitimidade territorial.

A Fundação Grupo Boticário ancora o eixo das Soluções Baseadas na Natureza (SBN), conectando inovação técnica e advocacy; o Observatório das Baixadas consolida o conhecimento cidadão e os saberes locais, fortalecendo a dimensão social da adaptação; e o Regenera RS aplica na prática modelos de financiamento inovador para reconstrução e resiliência de territórios.

Para garantir coerência técnica, diversidade de perspectivas e transparência nas decisões, a Plataforma conta com um Advisory Council, instância estratégica de orientação e validação formada por especialistas, lideranças e representantes de diferentes setores. Compõem o Conselho Aline Odara (CEO do Agbara Fund), Bruna Helena Barros, Bruno Ghirardi (Diretor de Investimentos de Impacto da SITAWI), Cecília Polacow Herzog (PhD Candidate Universidade de Lisboa e especialista em Soluções Baseadas na Natureza), Fernando Thiers (Principal do



Fonte: BMW Foundation.

Boston Consulting Group – BCG) e Prof. Dra. Thereza Paiva (ex-Secretária de Ciência e Tecnologia da Cidade do Rio de Janeiro e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro).

O Conselho tem como papel alinhar diretrizes, revisar prioridades e oferecer feedbacks construtivos sobre as ações e documentos desenvolvidos pelos Grupos Colaborativos. Sua atuação fortalece a legitimidade, a consistência e a visão sistêmica da Plataforma, assegurando que cada passo do ecossistema mantenha equilíbrio entre rigor técnico e inovação colaborativa. Essa arquitetura cria um fluxo de valor: da ciência ao território, do território à política pública, e da política à inovação financeira, compondo um ciclo virtuoso de aprendizado e impacto.

Execução e mecanismos que fazem a roda girar

Três mecanismos conectam o desenho à entrega. Os Grupos Colaborativos, vinculados às quatro frentes prioritárias, funcionam como espaços de cocriação e experimentação, nos quais se desenvolvem produtos e estratégias coletivas: como o guia de financiamento, a nota técnica, as agendas de protagonismo local e os materiais de comunicação. As Soluções Apoiadas são os laboratórios vivos da Plataforma: iniciativas existentes selecionadas por seu potencial de impacto e aprendizado. Neste ciclo representadas pelo Observatório das Baixadas (ciência cidadã e protagonismo), a Fundação Grupo Boticário (Soluções Baseadas na Natureza) e o Regenera RS (reconstrução resiliente).

Por fim, as Intervenções Estratégicas, como mentorias, capacitações e articulações internacionais, ampliam a maturidade das

soluções e fortalecem sua inserção em redes de cooperação, retroalimentando todo o ecossistema com novos aprendizados.

Governança colaborativa e incentivos

A governança da Plataforma é colaborativa, inclusiva e orientada por aprendizagem. As decisões são construídas em workshops multissetoriais, que reúnem diferentes conhecimentos, expertises e perspectivas: técnicas, acadêmicas, empresariais, públicas e comunitárias. Esse formato garante que cada frente avance de forma alinhada, mas preservando a autonomia e a identidade de cada iniciativa.

O Sense-Lab desempenha papel central na coordenação e sustentação da rotina colaborativa, atuando muito além do apoio técnico às soluções e aos Grupos Colaborativos. Funcionando como um verdadeiro articulador do ecossistema, a organização promoveu encontros regulares, facilitou o diálogo entre os grupos e sistematizou aprendizados e entregas. A transparência e a troca contínua são mantidas por mecanismos simples de registro, compartilhamento e acompanhamento dos resultados.

Segundo Andrew Leal, do Observatório das Baixadas, “as reuniões sempre contavam com o apoio do Sense-Lab, que nos auxiliou inclusive diretamente em operações. As metodologias das oficinas presenciais e online tiveram o apoio direto deles, inclusive com o envio de modelos metodológicos que aplicamos nas oficinas do Atlas das Baixadas. A participação do Sense-Lab foi fundamental.”

Essa atuação reforça o papel do Sense-Lab como articulador e facilitador da Plataforma, assegurando fluidez nos processos, qualidade nas entregas e coerência na jornada de colaboração entre soluções, grupos e parceiros.

Além disso, os incentivos da Plataforma combinam recursos financeiros com oportunidades de visibilidade e aprendizagem. Apoios técnicos, bolsas de coordenação territorial e capital semente ajudam a tirar barreiras e acelerar projetos; enquanto mentorias, intercâmbios e espaços de posicionamento público ampliam o engajamento e o reconhecimento das lideranças envolvidas. Essa combinação de governança compartilhada e incentivos equilibrados cria um ambiente de confiança e corresponsabilidade, um ecossistema vivo onde ideias se transformam em ação e ação se transforma em impacto coletivo.

Entre esses mecanismos é preciso destacar a criação do *Advisory Council*, ações colaborativas entre as soluções e os GTs (Colabs) e as intervenções estratégicas, que funcionaram de maneira interdependente para alinhar visões, disseminar aprendizados e sustentar a implementação das soluções apoiadas. Por meio desses mecanismos de orquestração (conselhos estratégicos, espaços de colaboração e intervenções táticas), a Plataforma de Ação Colaborativa consolidou-se como um núcleo articulador de um ecossistema de impacto, capaz de alinhar propósitos diversos em torno de uma agenda comum de transformação e construção de cidades mais resilientes.

Colabs

As Colabs são o espaço onde a colaboração ganha forma dentro da Plataforma de Ação Colaborativa. Funcionam como laboratórios vivos, conectando iniciativas, territórios e organizações para cocriar soluções de adaptação climática e vida urbana sustentável. Ao longo do primeiro ciclo, essas conexões se materializaram em colaborações concretas entre as soluções apoiadas, demonstrando o papel da Plataforma como catalisadora de um ecossistema colaborativo.

As parcerias que surgiram entre o Observatório das Baixadas, a Fundação Grupo Boticário e o RegeneraRS, como por exemplo a Teia de Soluções, são exemplos de como a Plataforma promove sinergias capazes de ampliar o alcance das ações e gerar impactos sistêmicos. Essas colaborações mostram, na prática, que a força da Plataforma está tanto nas entregas planejadas quanto nas relações que ela inspira. Quando diferentes organizações se conectam por propósito, dados e território, novas soluções emergem de forma orgânica, transformando redes em resultados e fortalecendo o ecossistema que constrói o Futuro da Vida Urbana.



FUTURO DA VIDA URBANA

O futuro da vida urbana começa agora. A crise climática já é sentida no cotidiano: ondas de calor mais longas, chuvas extremas, escassez hídrica, deslizamentos e inundações que paralisam bairros inteiros. Se não formos capazes de colocar a adaptação climática no centro das decisões públicas e privadas, muitas cidades, especialmente as mais vulneráveis, ribeirinhas, costeiras e de baixadas, poderão encolher drasticamente ou simplesmente desaparecer. O custo humano, econômico e ambiental de adiar escolhas estruturantes é muito maior do que o investimento em prevenção e adaptação hoje. Mas o futuro das cidades não está escrito, ele está sendo construído nas escolhas que fazemos, nas alianças que firmamos e nas soluções que decidimos apoiar. A Plataforma de Ação Colaborativa nasceu exatamente desse entendimento: de que o futuro da vida urbana depende de um esforço conjunto entre governos, empresas, comunidades, ciência e sociedade civil. Nenhum ator isolado tem as respostas, mas todos têm parte das soluções.

Os aprendizados do primeiro ciclo mostraram que a colaboração funciona. Quando líderes locais são fortalecidos, quando o financiamento se torna inclusivo, quando políticas públicas incorporam a natureza e quando o conhecimento é compartilhado, as cidades se transformam. As três soluções apoiadas pela Plataforma: o Observatório das Baixadas, a Fundação Grupo Boticário e o RegeneraRS, materializam essa visão, demonstrando na prática como é possível unir ciência cidadã, Soluções Baseadas na Natureza e reconstrução resiliente em um mesmo ecossistema de impacto.



Fonte: [Artesano](#).

Da mesma forma, os Grupos Colaborativos foram essenciais para traduzir o diálogo em ação. Com seus focos em Protagonismo Local, Financiamento Inovador, Advocacy e Políticas Públicas e Comunicação e Conhecimento, eles estruturaram a base técnica e conceitual da Plataforma, consolidando metodologias, produzindo entregas concretas e criando pontes entre atores que antes não dialogavam.

A Plataforma provou que é possível orquestrar ecossistemas complexos e gerar resultados tangíveis, conectando tecnologia e território, inovação e equidade, dados e histórias humanas. Agora, o desafio é escalar. A cada nova cidade, território ou parceiro que se une à rede, a Plataforma amplia sua capacidade de impacto. As bases estão lançadas: governança colaborativa, mecanismos de ação integrados e uma comunidade diversa comprometida com o propósito de garantir o futuro da vida urbana em um planeta em transformação.

Se você acredita que adaptação climática justa, cidades verdes e comunidades resilientes são um dever coletivo, este é um convite aberto da Plataforma Colaborativa de Ação. Faça parte dessa jornada. Traga sua experiência, seus dados, sua visão e sua energia para fortalecer o ecossistema de colaboração que está moldando o Futuro da Vida Urbana. A construção de cidades mais justas e sustentáveis é um projeto compartilhado, e ele já está em movimento.



Fonte: [Engenharia Hoje](#), 2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ Nações Unidas, Brasil. **ONU-Habitat: População mundial será 68% urbana até 2050.** Notícias. Publicado em: 01 jul. 22. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/188520-onu-habitat-popula%C3%A7%C3%A3o-mundial-ser%C3%A1-68-urbana-at%C3%A9-2050>>. Acesso em: 31 out. 25.
- ² Agência de Notícias IBGE. **Censo 2022: 87% da população brasileira vive em áreas urbanas.** Censo 2022. Publicado em: 14 nov. 24. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41901-censo-2022-87-da-populacao-brasileira-vive-em-areas-urbanas>>. Acesso em: 31 out. 25.
- ³ / ⁵ Jornal da USP. **Índice revela municípios com maior dificuldade de adaptação às mudanças climáticas.** Editoria Ciências. Publicado em: 31 jul. 25. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/indice-revela-municipios-com-maior-dificuldade-de-adaptacao-as-mudancas-climaticas/>>. Acesso em: 31 out. 25.
- ⁴ Agência de Notícias IBGE. **Censo 2022: Brasil tinha 16,4 milhões de pessoas morando em Favelas e Comunidades Urbanas.** Censo 2022. Publicado em: 08 nov. 24. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41797-censo-2022-brasil-tinha-16-4-milhoes-de-pessoas-morando-em-favelas-e-comunidades-urbanas>>. Acesso em: 31 out. 25.
- ⁶ RegeneraRS. **Relatório Anual 2024-2025.** Porto Alegre, 2025. Disponível em: <<https://conteudo.din4mo.com/relatorio-regenerars>>. Acesso em: 31 out. 25.

AGRADECIMENTOS

A Plataforma de Ação Colaborativa agradece a todas as pessoas e organizações que contribuíram generosamente com seu tempo, experiência e reflexões ao longo do processo de construção deste relatório. As entrevistas realizadas com representantes das soluções apoiadas, membros dos Grupos Colaborativos, especialistas, parceiros institucionais e lideranças foram fundamentais para consolidar os aprendizados e traduzir, em palavras, a trajetória coletiva que este documento representa. Cada contribuição ajudou a moldar o ecossistema retratado neste relatório um espaço vivo de colaboração, escuta e construção conjunta pelo Futuro da Vida Urbana.

A seguir, apresentamos as pessoas que compartilharam suas vozes e visões ao longo dessa jornada colaborativa, contribuindo para a construção de uma narrativa plural sobre adaptação climática e vida urbana sustentável.

- Andrew Leal, Observatório das Baixadas
- Gaio Jorge, Coletivo Criação
- Greta Salvi, União Europeia no Brasil
- Heiko Hosomi Spitzeck, Núcleo de Sustentabilidade | Fundação Dom Cabral
- Laura Astrolabio, A Tenda das Candidatas
- Manuela Fonseca, Din4mo e Regenera RS
- Maria Carolina Villar, Sense Lab
- Mariana de Paula, Instituto Decodifica
- Renata Faria, BMW Foundation
- Rubiane Spina, Fundação Grupo Boticário

A Plataforma de Ação Colaborativa também agradece a todas as pessoas e organizações que contribuíram generosamente com seu tempo, experiência e reflexões ao longo do processo de construção da plataforma. E expressa um agradecimento especial aos representantes dos Grupos Colaborativos: Protagonismo Local, Financiamento Inovador, Advocacy e Políticas Públicas, e Comunicação e Conhecimento, cujo empenho e dedicação foram essenciais para transformar ideias em ações concretas. Suas análises, debates e entregas colaborativas foram a base para a consolidação das frentes prioritárias e dos resultados apresentados neste primeiro ciclo.

GT1: Gaio Jorge de Paiva, Aline Odara, Renata Linhares, Greta Salvi, Laura Albuquerque, Leonardo Lima, Sarah Siqueira, Isabel Rodrigues, Pedro Telles, Tarso Oliveira, Ana Carolina Bastida da Silva, Edson Falcão.

GT2: Mariana de Paula, Andrew Leal, Waleska Queiroz, Elinaldo Caldas, Andreza Maia, Pierre-André Martin, Rosana Correa

GT3: Heiko Hosomi Spitzack

GT4: Laura Astrolabrio, Luciana Nery, Debora Nascimento, Regiane Polizer Scoccol, Salomar Mafaldo, Mirela Garaventa, Rubiane Spina, Flavia Campassi, Juliana Ribeiro e Raissa Pimentel.

SOLUÇÕES APOIADAS:

OBSERVATÓRIO DAS BAIXADAS

<https://www.observatoriodasbaixadas.org/>

Instagram: @observatoriodasbaixadas

FUNDAÇÃO GRUPO BOTICÁRIO

<https://fundacaogrupoboticario.org.br/>

Instagram: @fundacaogrupoboticario

REGENERARS

<https://regenerars.org/>

Instagram: @regenerars

Conteúdo produzido pelo Núcleo de Sustentabilidade | Fundação Dom Cabral

Capa: Gabriela Donadussi/Fotografia: São Paulo-SP por Drone.leo, via [Pexels](#), 2021.

Revisão: Adriano Pimenta

Diagramação: Gabriela Donadussi e Wallace Vinicius

Equipe Núcleo de Sustentabilidade: Adriano Pimenta, Angela Gabriela, Gabriela Donadussi, Heiko Hosomi, Juan Pedro, Karen Matos, Wallace Vinicius

Contato do Núcleo:



Para mais detalhes confira no Website disponível em: <https://bmw-foundation.org/how-we-work/initiatives/CAP>



ORGANIZAÇÃO FUNDADORA

BMW Foundation
Herbert Quandt

PARCEIRO IMPLEMENTADOR



PARCEIRO DE CONHECIMENTO



Belo Horizonte | 2026

